

IGREJA NEOPENTECOSTAL FONTE DA VIDA: ESTRATÉGIAS DE CONVERSÃO E EMPODERAMENTO DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA¹

Paulo Rogério Rodrigues Passos²
Alberto da Silva Moreira³

Resumo: Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo e apresenta, a partir de dados, visitação, observação participativa e entrevistas, algumas estratégias de projeção e fidelização utilizadas pela Igreja Neopentecostal Fonte da Vida em Goiás e no Brasil. Essa denominação apresenta algumas características que a diferenciam das principais correntes neopentecostais presentes no Brasil. O aspecto mais evidente é o seu público, constituído basicamente por fiéis oriundos da classe média, jovens com boa formação educacional e moradores das regiões relativamente bem estruturadas dos grandes centros urbanos. Além do perfil mais elitizado da sua clientela, uma construção litúrgica centrada na estratégia motivacional, de empreendedorismo e gestão, à luz da proteção apostólica, fazem dessa denominação um novo capítulo no neopentecostalismo brasileiro.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Igreja Fonte da Vida. Mercado. Teologia da prosperidade.

*Pentecostal Church Fountain of Life. Conversion Strategies
and the empowerment of the Brazilian middle-class*

Abstract: This article is part of an wider research project, and presents, based on visits, observation, literature review and interviews, the key strategies of projection and loyalty building developed by the Pentecostal Church Fountain of Life in Goiás and in whole Brazil. This denomination has some characteristics that differentiate it from the mainstream Pentecostal segment in Brazil. Its most distinguishing feature is the audience, which largely consists of middle-class believers, young people with good educational background and residents of relatively well-structured regions in the urban centers. In addition to the more elitist profile of their customers, a liturgical construction guided by motivational concepts of entrepreneurship and management, and the recourse to apostolic light protection, all this make this denomination a new chapter of Pentecostalism in Brazil.

Keywords: Neo-Pentecostalism. Fountain of Life Church. Market. Prosperity Theology.

¹ O artigo foi recebido em 16 de março de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 30 de abril de 2010.

² Doutorando em Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia. paulo.passos@yahoo.com.br

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia. alberto-moreira@uol.com.br

As premissas históricas da igreja Fonte da Vida

A gênese da Fonte da Vida se dá na cidade de Goiânia, fundada pelo pastor, hoje apóstolo, César Augusto Machado de Souza. A carreira religiosa de César Augusto confunde-se com a de outros jovens da década de 1970 que ingressaram na MPC (Mocidade Para Cristo), entidade evangélica interdenominacional voltada ao trabalho de evangelização com jovens. A personalidade evangelística do futuro líder da Fonte da Vida deve-se em boa medida à sua passagem pela Mocidade Para Cristo. César Augusto incorporou logo elementos centrais da MPC, como as atividades voltadas especificamente aos jovens, o planejamento e a missiologia urbana, e o uso de técnicas de empreendedorismo, motivação, enfrentamento dos desafios e de liderança, ao seu perfil apostólico.

Em 1976, juntamente com Robson Rodvalho, hoje líder da Igreja Sara Nossa Terra, César Augusto fundou a Comunidade Evangélica de Goiânia. Pautados numa linha de pregação mais ajustada ao perfil da *classe média*⁴ e do público jovem, essa denominação alcançou relativa expansão na cidade de Goiânia. Por volta de 1990, depois de quase 15 anos de evangelização em Goiânia e em algumas cidades do interior, a Comunidade Evangélica sentiu-se pronta para alçar empreendimentos

⁴ Os órgãos oficiais, como o IBGE, consideram a classe C, cujo perfil de renda familiar mensal varia de R\$ 1.064 a R\$ 4.591,00 como a classe média brasileira. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, essa faixa de renda teria crescido no Brasil nos últimos anos, passando de 42,49% da população brasileira em abril de 2003 para 51,89% em abril de 2008. No entanto, tanto depoimentos de famílias nesta faixa que se consideram de fato pobres, como a comparação com a imensa disparidade em relação ao padrão de vida das faixas de renda logo acima aconselham maior cautela na hora de realizar o “fatiamento” das camadas sociais. Uma família de cinco ou seis pessoas com renda mensal de R\$ 1.500,00 não pode – nessa linha de raciocínio –, ser considerada de fato como “classe média”. Assim, para os fins deste artigo, estamos considerando como “classe média brasileira” a “classe média tradicional”, aquela faixa da população que dispõe de casa própria (mesmo financiada), pode pagar educação em escola privada, tem em casa a grande maioria dos eletrodomésticos, computador e internet, possui carro de ano recente, consegue frequentar clubes ou lazer de fim de semana e realizar férias familiares. Nesse sentido, sem insistir numa grande precisão quanto ao nível de renda – que no caso específico dessas famílias está sujeito a oscilações imprevistas e bruscas –, estamos considerando aqui um perfil que começa nos R\$ 4.000,00 e vai até os R\$ 12.000,00 de renda familiar mensal. Importante é perceber que seja ganhando um pouco mais ou um pouco menos, essa faixa da população está especialmente sujeita, por restrições estruturais do mercado, a oscilações que podem ser significativas e às vezes irreparáveis, como o dono de um pequeno supermercado que tem seu prédio incendiado, o microempresário ou trabalhador especializado que perderam suas fontes de renda e não conseguem voltar ao mesmo nível de consumo. Muitos que acabaram de ascender socialmente estão ameaçados de voltar para a pobreza. Parece-nos que justamente essa incerteza e precário equilíbrio geram, por isso mesmo, estados de apreensão e de envolvimento emocional contínuo e intenso. Cf. “Classe média já é mais da metade da população brasileira”, em <http://www.fgv.br/fgvportal/principal/idx_materia.asp?str_chave=12101&sessao=2>. Acesso em: 13 mar. 2010. Uma visão mais detalhada – e otimista do ponto de vista sistêmico – pode ser encontrada numa extensa pesquisa, financiada pela Confederação Nacional das Indústrias, de LAMONIER, Bolívar e SOUZA, Amaury de. **A Classe Média Brasileira** – ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2009.

mais audaciosos. Contudo, apesar das aspirações de expansão serem consenso na cúpula da igreja na época, a forma dessa expansão causou grandes divergências entre seus fundadores.

Na presidência da Comunidade Evangélica de Goiânia estavam os pastores César Augusto e Robson Rodovalho, em uma liderança plural. Na busca pela definição de um modelo de ampliação do ministério, o pastor Robson Rodovalho apresentou uma proposta de centralização dos recursos financeiros na matriz da igreja, que seria construída em Brasília e presidida por ele mesmo. Ou seja, todas as igrejas vinculadas à Comunidade Evangélica de Goiânia passariam a encaminhar sua arrecadação para Brasília, formando um “caixa único”, cuja administração, e consequente distribuição de recursos, ficaria a cargo da matriz. Essa decisão não foi bem recebida por César Augusto, pois de um dos presidentes da igreja passaria a ocupar uma posição subalterna em relação a seu sócio Rodovalho.

Esse fato foi decisivo para o rompimento da sociedade entre César Augusto e Rodovalho e sobretudo para a dissolução da Comunidade Evangélica de Goiânia. Com a decisão consumada pelo desmembramento da igreja, uma outra batalha se acirrou entre ambos: a disputa pelo espólio da instituição extinta. Todavia, como resultado da divisão tanto dos bens materiais como simbólicos da Comunidade Evangélica de Goiânia, os dois pastores saíram relativamente abastados para prosseguir suas aspirações evangelizadoras. Dessa dissensão surgiram, em 1994, dois ministérios autônomos: a Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã, com sede em Goiânia, e a Comunidade Sara Nossa Terra, com sede em Brasília.

De acordo com seu sítio eletrônico, a Fonte da Vida tem 70.000 seguidores apenas em Goiânia e se encontra espalhada por 500 cidades no Brasil; e ainda com representações em mais dez países (Estados Unidos, Costa Rica, Chile, Angola, Moçambique, Namíbia, Marrocos, Espanha, Portugal e Bélgica – tais informações não puderam ser confirmadas por fonte independente). A igreja tem ainda seu próprio canal de televisão, rádio, jornal e editora. É dirigida pelo casal César Augusto, que adotou o título de apóstolo, e por sua esposa, a bispa Rúbia de Souza. Muitos elementos fazem pensar que tanto a Fonte da Vida como a Sara Nossa Terra seguem, numa espécie de clone evangélico, a receita de sucesso da paulistana Renascer em Cristo, do também apóstolo Estevam Hernandes e sua esposa, a bispa Sonia Hernandes. De fato, o *modus operandi* da comunidade cristã Fonte da Vida segue características das denominações neopentecostais brasileiras, incluindo a pregação da prosperidade, a espetacularização programada e o intenso avivamento. Mas diferentemente da maioria das igrejas neopentecostais, cujos conteúdos litúrgicos se organizam sobre uma dicotomia entre o bem e o mal, na Fonte da Vida o louvor exacerbado ocupa a centralidade do culto, em detrimento do exorcismo, dos rituais de cura e dos ataques às entidades espirituais das religiões afro-brasileiras.

Para entender melhor essa particularidade, observemos as considerações de Danièle Hervieu-Léger sobre a flexibilidade da simbologia religiosa na modernidade. Redescobre-se que tais crenças pertencem a práticas, linguagens, gestos, automatismos espontâneos que constituem o “crer” contemporâneo. Permanece-se, então,

na singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao mesmo tempo, na lógica dos empréstimos e reutilizações de que as grandes tradições religiosas historicamente são objeto.⁵

Essa denominação se ajusta a um padrão comportamental mais racionalizante, se comparada com outras igrejas neopentecostais. No desenvolvimento dos seus trabalhos espirituais, não se resume em tentar reduzir a complexidade da realidade vivida pelos fiéis, atribuindo todas as contingências negativas à ingerência das forças do mal, como na IURD, por exemplo. Um diferencial significativo presente nas pregações da Fonte da Vida é a força do seu discurso profético. Ou seja, uma repetição incisiva de mensagens otimistas, de força, capacidade, poder, persistência, coragem e esperança.

Esse perfil de pregação caminha na mesma linha de centenas de livros de auto-ajuda disponíveis no mercado. Porém, esse avivamento vai além dos cultos diários ou semanais; ele funciona como uma consultoria técnica e espiritual, sempre disponível para auxiliar o seu séquito de fiéis nas questões práticas do cotidiano. Por meio de divisões especializadas no trabalho espiritual, a igreja disponibiliza para seus fiéis várias áreas de assistência, desde aconselhamento matrimonial, orientação financeira, encontro de jovens, até assessoria empresarial para aqueles que vislumbram a graça de Deus na abertura do seu próprio negócio.

A igreja Fonte da Vida não atua exclusivamente com uma programação de correntes, sessões e campanhas semanais; ela centra seus esforços num trabalho sistemático de fidelização dos fiéis. Esse modelo catequético busca estabelecer uma relação estável de pertencimento do fiel em relação à sua igreja, transcendendo o vínculo do batismo ou a visita esporádica, típica do “consumidor” de bens espirituais. Existe todo um trabalho de acompanhamento e assessoramento semiprofissional, que busca auxiliar o membro da igreja na resolução de seus problemas. Essa estratégia pastoral tem alcançado a classe média⁶ das grandes cidades brasileiras. Primeiro, pela própria distinção da sua liturgia, que por meio de uma ritualística mais focada e objetiva retoma o teor das bênçãos de Deus pela via da disciplina, do pensamento positivo, da motivação técnica e da capacidade profissional. Tais fatores atraem categorias sociais mais esclarecidas ou exigentes, às quais a ritualística mágica e prosaica da maioria das igrejas neopentecostais não é palatável.

O mercado religioso brasileiro está bastante inflacionado. A cada dia uma legião de novos empreendimentos religiosos é lançada nesse mercado. Esse acirramento concorrencial, aliado à pressão do tempo e da produtividade, tem levado diversas instituições a um processo exacerbado de simplificação teológica de seus arcabouços doutrinários. Nesse sentido, as instituições que conseguem oferecer um

⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 22.

⁶ Confira a observação na nota 4.

serviço mais adaptado às novas demandas modernas, com baixo custo sacrificial e menor teor de culpa, estão despontando na liderança desse mercado.

Nesse sentido, a igreja Fonte da Vida tem disponibilizado um serviço bastante adaptado às necessidades das classes sociais médias urbanas. Todavia, é preciso identificar que necessidades são essas, que seriam específicas da classe média brasileira. À primeira vista, parece que isso não existe, pois se compararmos as demandas das classes sociais de renda inferior com as da classe média, vamos encontrar invariavelmente as mesmas buscas e anseios. No campo material, as demandas voltam-se às conquistas materiais e à estabilidade econômica, enquanto que, no campo simbólico, há uma busca por legitimação, por reconhecimento e redução de culpa. Contudo, como veremos a seguir, tanto o discurso como o *status* e o *ethos* da Fonte da Vida são distintos.

A classe média brasileira tem passado por uma evidência negativa nos últimos vinte anos, trajetória que só há bem pouco tempo mostra sinais de mudança (cf. nota 4). Sua capacidade de poupança foi ao longo dos anos sendo gradativamente dilapidada por uma carga tributária altíssima e pelos interesses de justificação e permanência no poder de governos pseudossocialistas. A classe média é considerada uma barreira de contenção, um filtro de controle entre a base e o cume da pirâmide social. Não existe política sem uma causa, não existe uma causa sem um problema, não existe um problema sem um responsável. Essa é uma equação perfeita para imputar ou exigir que a classe média assuma um caráter expiatório por boa parte das mazelas sociais que afligem a população brasileira.

O poder não subsiste sem o suporte dos mais ricos, tampouco da gratidão dos mais numerosos. Assim, a classe média padece de uma tensão sistemática e duradoura extremamente contundente. Enquanto os mais pobres estão nas pautas assistenciais dos governos, bem como no alvo das respostas mirabolantes das igrejas da prosperidade, a classe média tem vivido um processo de insegurança e desorientação social. Por razões estruturais, suas possibilidades de ascensão estão mais reduzidas, ela tem sido muito afetada pela violência urbana, enquanto suas condições de permanência no patamar onde se encontra estão mais fragilizadas. Resumindo, poderíamos dizer que, enquanto os mais pobres lutam para subir, a classe média lança mão de todos os recursos possíveis para não descer.

A prosperidade na perspectiva neopentecostal não resulta de uma operação de acumulação pura e simples de capital. Existe um trabalho discursivo e ritualístico de sistemática sacralização das benesses econômicas. Numa realidade em que os alícerces simbólicos de sustentação das certezas convencionais encontram-se bastante fragilizados, a prosperidade econômica pode não suprir os anseios mais íntimos dos seres humanos, mas representa sem dúvida um potente bálsamo para as pessoas.

Seguindo uma baliza doutrinária e litúrgica adaptada e dirigida ao perfil da classe média brasileira, a igreja Fonte da Vida organiza a sua teologia em quatro pilares básicos: trabalho, dízimo, oferta e obediência. Diferentemente da grande maioria das confissões religiosas neopentecostais, em que todos os infortúnios são

obras do “diabo”, sendo a sua expulsão o mote da igreja, ou os casos em que Deus é apresentado como o grande provedor, a Fonte da Vida prioriza o trabalho. Ou seja, ela busca na assertiva categórica da ação prática e dentro da racionalidade interna a essa ação, a condição *sine qua non* de exequibilidade da prosperidade. Observemos um testemunho relatado no livro do apóstolo César Augusto:

Trabalhando muito e colocando em prática o dízimo e as ofertas, participando das reuniões do NAE (Núcleo de Ação Empresarial) sempre debaixo da cobertura espiritual e orientação do Apóstolo César Augusto, começamos a prosperar, a prosperar de uma forma sobrenatural, deixando de ser um empresário falido, para sermos os maiores empreendedores do nosso ramo, com vários empreendimentos de sucesso.⁷

A tônica do rito da igreja Fonte da Vida, como já foi dito, é permeado pelo louvor intenso. Entre uma e outra pregação, mas, sempre com o louvor ao fundo do discurso, carregado de profetizações, os pastores, ou o próprio apóstolo, reafirmam os desígnios dos seus membros no caminho da luta, da conquista, da recuperação, da vitória e da prosperidade. Assim, num processo de retroalimentação, os fiéis e a igreja promovem uma relação de interdependência. Tanto a igreja recebe seus honorários pelos serviços prestados, quanto os fiéis são inseridos numa comunidade de iguais, na qual o tratamento é personalizado e bilateral, dando direito à consultoria, às oficinas motivacionais, aos espetáculos, *shows gospel* e cultos semanais e também às bênçãos de Deus.

Proteção apostólica

Por séculos, os seres humanos caminharam num labirinto de incertezas quanto aos mistérios da natureza e da existência. Contudo, esses mistérios que permeavam a sensibilidade também eram fornecedores de sentido para a própria existência humana. Na medida em que os seres humanos avançaram ao mapear o funcionamento da vida, robusteceram suas convicções baseadas em métodos empíricos, elaboraram métodos sofisticados de apreensão da realidade, criaram também ciências, aparatos e tecnologia, que deviam conduzi-los indefectivelmente ao “paraíso” das certezas. No entanto, o horizonte cultural vivido por segmentos da chamada “população esclarecida” parece assemelhar-se bastante a um novo labirinto.

A realidade social e a natureza têm sofrido uma intervenção antrópica de tamanha intensidade, que tendencialmente tudo quanto de bonança ou desgraça incide sobre a vida do indivíduo parece resultante de uma ação do ser humano. O poder de vida e morte que sempre esteve vinculado a Deus, ao ser supremo e criador, foi redirecionado para o empoderamento racional das gestões humanas. Tudo passa a ser condicionado, deliberado, planejado, influenciado, transformado

⁷ AUGUSTO, César. **Prosperidade**: uma promessa de Deus. Goiânia: Papillon, 2008. p. 43.

e manipulado por processos que não compreendem qualquer intervenção do plano metafísico sobre esses acontecimentos. Se, outrora, num momento de infortúnio cabia a súplica, a misericórdia e o pedido de clemência dirigido à divindade, hoje, para uma camada crescente de pessoas que compartilham a cultura pragmática das grandes cidades, não sobraram outras opções que revoltar-se, ou resignar-se, ou, o que faz a maioria, tentar adaptar-se às novas condições.

Nesse paradoxo da modernidade periférica, a emancipação da razão frente ao obscurantismo metafísico tende a afirmar uma realidade esvaziada de certezas e despojada de sentido. Justamente nesse contexto ambivalente a religião emerge fortalecida. Todos os momentos históricos de incerteza, anomia, insegurança, crise econômica e social foram ocasiões oportunas ao surgimento de lideranças fortes, de guias, pastores, profetas, missionários, evangelistas, apóstolos, gurus, mestres, messias, etc.

Todavia, esses personagens, apesar de favorecidos pelo contexto, necessitam de legitimidade. No caso das lideranças evangélicas, elas se servem fartamente da autoridade com que é revestido na cultura popular o manancial simbólico da Bíblia. Atendendo a um chamado de Deus, municiados do seu poder e ávidos por compartilhá-lo com aqueles que creem, bispos e apóstolos constroem verdadeiros impérios religiosos e econômicos: “Estando sob uma liderança bíblica, o seu trabalho cresce na proporção de 100 para 1. Deus estabeleceu os ministérios para que a igreja pudesse crescer e a sua liderança fosse formada”⁸.

Nesse sentido, a liberdade aparece como mote de muitas batalhas apologéticas, sustentáculo ideológico de praticamente todas as bandeiras políticas ocidentais, valor inquebrantável da democracia, representação maior da autonomia individual. Contudo, assistimos no panorama contemporâneo a certa inabilidade do “sujeito moderno” (classes médias urbanas) em lidar com sua liberdade real ou fictícia. Enquanto conceito subjetivo, todos defendem as premissas da liberdade; na ação social, no entanto, dá-se uma batalha encarniçada por espaços de poder, que definem finalmente as fronteiras reais de liberdade de cada indivíduo. Assim, para uma legião de pessoas livres, a liberdade não simboliza nada mais do que sinônimo de culpa. A igualdade de direitos sem equidade de condições fez com que aqueles que não alcançaram as virtudes do mercado fossem colocados numa condição marginal e subalterna e internalizassem a sua inaptidão ou fracasso na forma de um difuso complexo de culpa.

Nessa realidade de enfrentamentos permanentes, na qual o próximo é também um adversário em potencial, de dissolução das comunidades e de seus vínculos primários, de estreitamento das certezas, surgem arautos da libertação que têm oferecido alternativas boas e baratas de sentido existencial. Dentre uma variedade expressiva de líderes salvacionistas da anomia moderna, os apóstolos figuram numa

⁸ AUGUSTO, César. **Curso de Obreiros**: método de discipulado apostólico. Goiânia: Papillon, 2004. p. 47.

posição de legítimos escolhidos por Deus. No mercado religioso neopentecostal, as inovações são tantas, que diariamente novos programas, expressões, ritmos, campanhas e nomenclaturas são incorporados ao jargão desse segmento. Na tentativa de oferecer algo novo à sua clientela e assim sobrepujar a concorrência, a criatividade transborda do mero emprego de efeitos estéticos, linguísticos e tecnológicos.

Na igreja Fonte da vida, a estrutura espiritual, financeira e administrativa tem sua centralidade assentada na figura do apóstolo César Augusto. Esse modelo de gestão espiritual tem demonstrado uma funcionalidade interessante na prestação de serviços religiosos. Ao mesmo tempo em que a igreja vincula o diferencial dos seus serviços pautados na figura do apóstolo, ele corporifica a fonte do poder, dos milagres, das bênçãos distribuídas na igreja. Essa estratégia também exerce uma função de coesão institucional. Ao contrário de muitas denominações neopentecostais, que sofreram cisões, defecções e reformas a partir dos carismas pessoais de seus pastores, no caso do modelo apostólico essas rupturas seriam mais difíceis, pois todo o poder emana do apóstolo.

A palavra “apóstolo” vem de uma palavra grega que significa “enviar”. Um apóstolo tem, portanto, um forte sentido de missão. Ele tem ação local e extralocal para estabelecer, fundamentar e governar a igreja (At 15.6; 1Co 12.28; Ef 2.20). Seu ministério é reconhecido por características como: palavras, obras, sinais e prodígios (Rm 15.18-19). O apóstolo é dotado de visão espiritual e estrutural para o crescimento da igreja, tendo a habilidade para funcionar nos demais dons de Cristo.⁹

A visão apostólica na concepção da igreja Fonte da Vida não se resume a apenas mais um modelo de hierarquia religiosa; o apóstolo é uma figura santa, iluminada, um general que conduz seus seguidores para a vitória. Em outras denominações neopentecostais de organização não-apostólica, o rito é pautado no embate sistêmico das forças de Deus contra as incursões do diabo. A figura do pastor exerce um papel central nessa construção litúrgica; ele é o animador, o mediador com o plano espiritual, o ser forte que expulsa os demônios, aquele que ora pelos fiéis e opera milagres, contudo, sempre na condição de instrumento, não como fonte do poder. No caso das igrejas apostólicas, existe uma cobertura espiritual do apóstolo que abarca todos os seus seguidores, o simples fato de ser um membro daquela instituição já lhe confere de imediato o direito à proteção espiritual do seu líder religioso.

Ser apóstolo não representa uma autointitulação na compreensão dos fiéis da Fonte da Vida, pelo contrário, aquele que ousar ocupar uma designação de liderança religiosa sem o devido arbítrio de Deus incorreria num pecado gravíssimo aos olhos da igreja. Ser apóstolo é uma outorga do próprio Jesus Cristo, nenhum homem na face da terra tem autoridade para conferir esse designio a alguém. Para que não haja confusão quanto à autoridade do apóstolo na igreja, quando tratam da

⁹ AUGUSTO, César. **Dons e vocações:** método de discipulado apostólico. Goiânia: Bom Tempo, 2007. p. 61.

qualidade do que é ser um apóstolo, fazem uma distinção categórica do “chamado” e do “designado” de Deus. O chamamento à obra de Deus não confere autoridade ao sujeito que é chamado, a esse é determinada a condição de servir, de auxiliar, de cooperar para que os desígnios de Deus sejam perfeitamente realizados.

Ef 4: 11-13 E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.¹⁰

Aquele que é designado ao apostolado possui dons e virtudes que o assemelham em poder ao próprio Jesus Cristo. Uma pergunta muito recorrente no meio neopentecostal, sobretudo pelos concorrentes, é: como se opera o processo de designação como apóstolo? No caso do apóstolo César Augusto, ele foi ungido apóstolo pelo poder do Espírito Santo, sendo essa ordenação revelada em um sonho em que definia o seu destino imbuído para os desígnios de Deus. Todavia, independentemente do processo espiritual ao qual o apóstolo foi submetido para alcançar essa titulação, ele se declara membro da Coalizão Internacional de Apóstolos (ICA – *International Coalition of Apostles*), uma entidade internacional que chancelaria o seu “dom” como apóstolo.

Além da entidade à qual César Augusto é filiado, existem outras entidades internacionais que se apresentam com autoridade para reconhecer os dons específicos dos apóstolos. Uma delas é a Ordem Mundial dos Apóstolos (*Worldwide Ministries, Inc.* – EUA), presidida pelo apóstolo John Zavlaris, mentor espiritual de vários apóstolos brasileiros. E o Conselho Internacional de Apóstolos, representado pelo apóstolo Charles Peter Wagner, um defensor categórico do apostolado moderno. No Brasil, temos a AMABI (Associação Mundial de Apóstolos e Bispos), representada pelo também apóstolo Gilson de Oliveira. Nessa escala hierárquica de “santidade” somente um apóstolo pode designar outro como apóstolo, porém, o apóstolo está outorgado de poder espiritual para designar bispos, missionários, pastores, obreiros, etc. Como é o caso da AMABI, na qual, por correspondência e por um custo bastante acessível, qualquer pessoa pode se tornar um bispo ou um pastor, com certificado atestado pela unção espiritual do apóstolo.

Por que devem as pessoas conformar-se com os princípios que os mestres lhes desvendam? Na ausência de sanções divinas, agora enfaticamente rejeitadas, um código ético deve apelar para as necessidades dos que eram exortados a segui-lo. [...] Devia-se mostrar que fazer o bem era bom para os que praticam. Devia ser desejado pelos benefícios que traz – aqui e agora, neste mundo. Devia justificar-se como a escolha racional para a pessoa que deseja vida boa; racional por causa das

¹⁰ AUGUSTO, 2004, p. 08.

recompensas que traz. “Interesse” e “amor próprio” era o nome para as razões de se submeter aos iluminadores morais e aceitar seus ensinamentos.¹¹

Estar sob a égide espiritual de um apóstolo representa, na concepção das denominações neopentecostais apostólicas, uma proteção espiritual de uma entidade sagrada. Essa característica adquire um significado importante num mercado em que as inovações estão cada vez mais escassas. Toda sorte de simbologia religiosa presente no *ethos* do povo brasileiro é trazida para o plano ritualístico das liturgias pentecostais. Todavia, a figura central do apóstolo como um “escudo” protetor aos seus fiéis reaviva um sentimento de comunidade, de integração, de pertencimento. Numa realidade alicerçada em bases individuais, virtuais, líquidas¹², na qual o sucesso de um depende inevitavelmente do fracasso do outro, onde todos se digladiam contra todos, uma figura forte, revestida com autoridade divina, representa uma esperança para muitos que estejam em busca de proteção e perspectiva existencial.

Empoderamento e unção na igreja Fonte da Vida

As estratégias de cooptação e fidelização de novos fiéis da igreja Fonte da Vida convergem sistematicamente numa linha mercadológica. Essa característica possibilita aos arautos da igreja uma pregação religiosa pragmática e funcional. Com princípios doutrinários fundamentados em excelência, dedicação, aprimoramento e disciplina, a igreja não somente prepara o espírito do fiel para a vida religiosa, como também o qualifica moral, psicológica e até profissionalmente para os desígnios do mercado. Ao contrário do discurso recorrente das igrejas neopentecostais, no qual Deus é apresentado como provedor das necessidades humanas, e como tal bastaria ser desafiado para cumprir fielmente suas promessas, a partir da lógica da contrapartida, na igreja Fonte da Vida o fiel é preparado para o trabalho e o serviço.

Envolto numa mística sagrada, o ato de servir se ajusta perfeitamente aos valores do mercado. Na concepção apregoada aos fiéis na igreja Fonte da Vida, sobretudo aos jovens, não é qualquer pessoa que está apta a servir, não sem antes ter passado por um processo de qualificação. Ou seja, não é possível servir a Deus sem servir ao próximo, e não é permitido servir ao próximo de forma irresponsável ou desqualificada. Nesse processo de doutrinação religiosa ocorre uma retroalimentação dos preceitos sagrados com as premissas do mercado. Quanto mais apto, dedicado e obediente for um fiel ou um trabalhador, maiores serão as chances de

¹¹ BAUMAN, Zigmunt. *Ética pós-moderna*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. p. 35.

¹² Expressão utilizada por Zigmunt Bauman para designar o estágio da modernidade em que nos encontramos atualmente. Em seu livro **Modernidade Líquida**, descreve esse conceito da seguinte forma: “Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. [...] A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa a idéia de leveza”.

empregabilidade, remuneração e ascensão social do indivíduo. Um investimento rápido, de custo mínimo e com retorno garantido. “O potencial que Deus colocou dentro de nós é infinito, mas só vem à tona, só se torna real quando decidimos viver com excelência, servir com excelência”.¹³

A teologia da prosperidade perpassa invariavelmente, como em qualquer denominação neopentecostal, todos os momentos dos cultos da Fonte da Vida. Entretanto, a forma como essa prosperidade contemplaria os fiéis não se assemelha comumente às demais igrejas neopentecostais. Na Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, a prosperidade está diretamente relacionada com o dízimo e as ofertas. Não há um trabalho de preparação do indivíduo para o enfrentamento das suas fragilidades, de aconselhamento, de integração a uma comunidade. A dinâmica da igreja resume-se a campanhas temáticas semanais, nas quais as possibilidades de ser agraciado com alguma bênção estão estreitamente vinculadas à disposição do fiel em realizar a ofertar generosa.

Na Fonte da Vida, a unção¹⁴ representa um manancial inesgotável de poder. Esse poder é distribuído em todos os ritos da igreja, sempre em nome do apóstolo César Augusto. Esse é um diferencial significativo entre as denominações neopentecostais. Geralmente o poder concentra-se no pastor, bispo, etc. Por meio da sua mediação ou intervenção com o sagrado, o poder se manifesta. No caso da Fonte da Vida, o poder emanado do apóstolo estende-se a todos os fiéis da igreja, criando um invólucro de proteção e empoderamento coletivo. Com uma liturgia pautada quase que exclusivamente em cânticos de louvor, com letras que suscitam força e determinação, o fiel é submetido a uma verdadeira catarse espiritual. Nesse ambiente de excitação coletiva, a unção transborda, suscitando na plateia uma sensação de empoderamento, vigor, capacidade, força, coragem, segurança e satisfação.

A satisfação dos consumidores de serviços tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores e profissionais de marketing, o que indica a importância do assunto para a academia e organizações do setor. As pesquisas revelam que o cliente quando está altamente satisfeito tende: a ser mais leal à organização, a comprar com mais frequência ou intensidade os serviços da organização, a falar mais positivamente sobre a marca ou serviços da organização, a dar menos atenção às marcas ou propagandas de concorrentes, a ser menos sensível às ofertas de outras organizações,

¹³ AUGUSTO, 2007, p. 11.

¹⁴ UNÇÃO – é a capacidade sobrenatural dada por Deus para que possamos desempenhar algo (At 1.8 – 2.1-4). UNÇÃO – símbolo da presença do Espírito Santo, que nos guarda, nos instrui em todos os caminhos que devemos andar, para aperfeiçoamento de nosso próprio ministério (Jo 1.32, 33; 1Jo 2.27). UNÇÃO – traz o conhecimento, sabedoria, capacitação sobrenatural para a obra de Deus (anunciar o Evangelho com alegria, poder, autoridade, manifestação de cura, etc.) (At 4.29-31). UNÇÃO – faz separação, marca espiritual que traz consequências no mundo físico (Lc 24.49; Ef 1.13; 4.30). UNÇÃO – poder do Espírito Santo capaz de destruir todo tipo de amarra espiritual, trazendo liberdade e poder a quem recebe (Is 10.27). UNÇÃO – é o revestimento do poder do Espírito de Deus. UNÇÃO – é a ação do Espírito Santo.

a ser mais rentável para a organização e a auxiliar mais na execução dos serviços da organização.¹⁵

O planejamento litúrgico dos cultos da Fonte da Vida é elaborado minuciosamente para despertar a emoção e a autoestima no fiel. A começar pelo *hall* de entrada no templo, quando pessoas jovens e bem vestidas recepcionam a clientela com uma gentileza cativante, fazendo o visitante sentir-se completamente à vontade e acolhido naquele ambiente. Várias telas de projeção de imagens espalhadas pelo templo reproduzem as letras das canções exaustivamente cantadas pela banda da igreja, contribuindo para a participação de todos nos louvores.

Nessa miscelânea de fatores visuais e sonoros, associados à *performance* dos “puxadores” do rito, a cadência do culto não perde o ritmo nem a intensidade. É muito comum, ao final dos cultos, se ouvir de algumas pessoas que estão embevecidas, extasiadas, que sentiram o poder da unção manifestada, que foram tomadas pelo poder do Espírito Santo. A pauta do rito converge sempre no sentido de colocar o fiel no seu devido lugar: sucesso, saúde, estabilidade econômica, segurança e felicidade. Ingredientes esses que são alvos da grande maioria da população. Não obstante essa ser uma estratégia comum nas igrejas neopentecostais, a figura do demônio não ocupa a centralidade do rito. O embate não se concentra no antagonismo entre o bem contra o mal, é focado no indivíduo, que a partir daquele momento está sarado, regenerado, fortalecido e, sobretudo, empoderado pela unção divina mediada pelo apóstolo.

O estado psicológico de quem percebe é fator preponderante da percepção. Seus motivos, suas emoções e expectativas fazem com que perceba preferencialmente certos estímulos do meio. Assim, os aspectos da situação que foram percebidos por um podem passar completamente despercebidos pelo outro. [...] Os estímulos que despertam ansiedade, desagrado ou frustração têm, até certo grau de intensidade, menor probabilidade de serem percebidos. Temos tendência, portanto, a perceber o mundo mais como cremos ou queremos que ele seja do que como nos informam os diferentes estímulos que chegam a nossos órgãos dos sentidos.¹⁶

Comparemos o alcance da religião em fornecer sentido à vida humana com a amplitude racional decodificadora da realidade. Possivelmente a racionalidade é mais ampla, abarca mais espaços, envolve mais complexidade. Porém, nos perguntamos, qual nos possibilita mais certeza, convicção, acolhimento, segurança? A resposta não é das mais difíceis. Na medida em que o homem depositou suas projeções existenciais em libertar-se do jugo alienante da religião, em tomar posse da vida sem nenhuma mediação abstrata com um suposto plano metafísico, adentrou ingenuamente no campo incerto e inseguro da liberdade. “De um modo geral,

¹⁵ SARQUIS, Aléssio Bessa. **Estratégias de marketing para serviços**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 12.

¹⁶ KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 54.

‘definir a religião’ importa em substituir um inefável por outro – ou na substituição do incompreensível pelo desconhecido”.¹⁷

Enquanto a condição humana pautava as suas mais seguras convicções na insuficiência humana como mote de maior valor existencial, a religião abarcava na sua totalidade o anteparo exato para cada ocasião. Nessa relação ambivalente de fraqueza e poder, do homem pusilânime, mas de posse de uma arma poderosa, havia um equilíbrio existencial, uma segurança ontológica, na qual tudo era saturado de significados, tudo fazia parte do rol de compreensão do dia-a-dia, tudo era rotinizado à luz do sagrado.

Enquanto a realidade era totalmente revestida pelo invólucro religioso, a vida não tinha um fim, ela não se esgotava com a finitude temporal do nosso corpo. Com o advento da modernidade, tudo quanto remetesse o pensamento humano ao plano metafísico foi considerado inacessível, enganoso, instável. Contudo, de posse de suas certezas totalizantes, o homem moderno, ao afugentar a religião do seu campo de verossimilhança, conseguiu essencialmente potencializar suas ansiedades e incertezas. E é exatamente pautada na restituição do legado espiritual presente no *ethos* cultural do povo brasileiro que a igreja Fonte da Vida cresce. Determinada a reconstruir a comunidade cristã vilipendiada nas últimas décadas pelos tempos modernos, oferece um cardápio religioso que atende muito bem aos anseios da classe média brasileira: segurança, poder e autonomia. Projeções alvissareiras a essas estratégias de empoderamento religioso são vislumbradas pela crescente demanda por esses serviços.

Considerações finais

O afastamento do pensamento ascético demonstra as armadilhas que o ser humano criou para si mesmo. Aquele mundo integral de outrora, em que tudo funcionava de acordo com a engrenagem religiosa, perdeu seu eixo, desgovernou-se, foi sacrificado como justificativa de legitimação da racionalidade moderna. A angústia ininterrupta que assola as sociedades modernas são os efeitos nefastos de uma existência centrada narcisicamente sobre si mesma. Entretanto, restabelecer uma nova religiosidade na pós-modernidade, após o esvaziamento das bases ontológicas da religião, não seria tarefa muito fácil. Nesse caso, o que assistimos sobejamente é um retorno aos fundamentos das religiosidades tradicionais ajustadas aos vanguardismos do mercado.

Nessa perspectiva, a religião perdeu seu poder regulamentador, não mais consegue impor seus preceitos como dogmas insofismáveis, como norma social e existencial. Assim, a religião para subsistir numa realidade secularizante despe-se integralmente de suas premissas coercitivas, ajustando-se às novas demandas sociais,

¹⁷ BAUMAN, 1998, p. 206.

às novas exigências do mercado. “As instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo.”¹⁸

A lógica desse mercado religioso não mais fundamentado nas tradições é o aparecimento de uma pluralidade significativa de novos movimentos e instituições religiosas, cada qual mais adaptada ao novo *ethos* e contexto. “A religião não legitima mais ‘o mundo’. Na verdade, os diferentes grupos religiosos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes.”¹⁹ A modernidade se alastrou com tanta ferocidade como produtora de novos padrões, que chega a desqualificar os modelos que não se ajustarem ao novo *status*. Contudo, os novos paradigmas instituídos são tão voláteis, que não se transformam em novos modelos. Ou seja, a modernidade tornou-se sinônimo da inconstância, das incertezas, da inexistência.

O triunfo do senso humano a partir da logicidade do pensamento racional, imaginavam os filósofos iluministas, suplantaria por definitivo o ascetismo e a superstição. Todavia, os significados produzidos pela modernidade, por mais indefectíveis que fossem, não foram suficientemente aptos para preencher as lacunas da subjetividade humana. A supremacia da razão sobre a revelação, mote esse sempre de novo apregoado pelos dogmas da modernidade ocidental, aprisionou o ser humano na história, relegando-o a pautar seu destino a partir de uma perspectiva meramente existencial. Aquelas denominações religiosas que passaram a sacralizar a existência por uma perspectiva imanente, mas não profana, rapidamente conquistaram espaços no mercado religioso brasileiro. Maior benefício com menor teor de culpa é o mote da Fonte da Vida e dádiva para a classe média brasileira.

Referências bibliográficas

- ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- AUGUSTO, César. **Prosperidade**: uma promessa de Deus. Goiânia: Papillon, 2008.
- _____. **Dons e vocações**: método de discipulado apostólico. Goiânia: Bom Tempo, 2007.
- _____. **Curso de Obreiros**: método de discipulado apostólico. Goiânia: Papillon, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004. p.117-180.

¹⁸ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004. p.117-180. p.149.

¹⁹ BERGER, 2004, p. 163.

- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Atlas, 2009.
- LAMONIER, Bolívar e SOUZA, Amaury de. **A Classe Média Brasileira** – ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2009.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- SANTELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SARQUIS, Aléssio Bessa. **Estratégias de marketing para serviços**. São Paulo: Atlas, 2009.